



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

MARIA IVETE FERREIRA

“DIZ QUE DEU, DIZ QUE DÁ”
A POLISSEMIA E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Brasília - DF
2006

MARIA IVETE FERREIRA

**“DIZ QUE DEU, DIZ QUE DÁ”
A POLISSEMIA E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília (UNICEUB/ICPD), como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, Texto e Discurso.

Orientadora: Prof^a M.Sc. Maria Aparecida Silva de Abreu.

**Brasília - DF
2006**

RESUMO

O presente trabalho é uma investigação da construção dos sentidos do verbo “dar” em fragmentos das músicas: *Se*, de Djavan; *Garganta*, de Ana Carolina; *Aquarela*, de Toquinho; *Geni e o Zepelim* e *Partido alto*, de Chico Buarque. O objetivo geral do trabalho é analisar o emprego do verbo dar em diferentes contextos lingüísticos considerando-o sob o prisma da polissemia, da construção dos sentidos pelo sujeito em cada contexto lingüístico e da historicidade da linguagem. Este trabalho não pretende esgotar o assunto da polissemia do verbo “dar”, mas mostrar que as possibilidades de construção dos sentidos desse verbo variam com o contexto e com o leitor. As cinco músicas escolhidas e as leituras feitas pelos dez pesquisados podem fornecer ao leitor uma amostra do caráter polissêmico desse verbo. Daí pode-se perceber que a polissemia é muito mais presente na língua do que se costuma supor. A linguagem como um todo é intrinsecamente polissêmica, se se considerar que as leituras de um mesmo texto podem ser várias, dadas as condições de produção do discurso: quem lê, quando lê, como lê, para que lê, em que circunstâncias lê e tantos outros fatores que interferem na construção dos sentidos. O processo de construção e reconstrução dos sentidos de um texto permeia a ideologia: autor e leitor interagem com o texto, estabelecendo ideologicamente sentidos em que podem confluir, de acordo com o contexto, a historicidade de cada um e a historicidade da linguagem. O excerto “Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará” pode, numa ligação com a teoria do discurso, ser interpretado como se falasse da própria linguagem: há uma infinidade de sentidos possíveis para um texto, no entanto, ninguém sabe onde eles vão dar.

Palavras-chave: 1. Semântica Discursiva; 2. Polissemia; 3. Verbo “dar”.

ABSTRACT

The present work is an inquiry of the construction of the directions of the verb "to give" in fragments of the following songs: Se, of Djavan; Garganta, of Ana Carolina; Aquarela, of Toquinho; Geni and the Zepelim and Partido alto, of Chico Buarque. The general objective of the work is to analyze the use of the verb "to give" in different linguistic contexts considering it under the prism of the polisemy, of the construction of the directions for the subject in each linguistic context, and of the history of the language. This work does not intend to exhaust the subject of the polisemy of the verb "to give", but to show that the possibilities of construction of the directions of this verb vary with the context and the reader. The five chosen songs and the reading made by the ten research subjects can supply the reader with a sample of the polisemic character of this verb. From there it can be perceived that polisemy is much more present in the language than it is costumarily assumed. The language as a whole is intrinsically polisemic, if you consider that there might be several different readings for one text alone, considering the conditions of speech production: who reads, when it is read, how it is read, why it is read, in which circumstances it is read, and many other factors that interfere with the construction of the directions. The process of construction and reconstruction of the directions permeates the text ideology: author and reader interact ideologically with the text, establishing meanings that can flow together, depending on the context, the history of each one and the history of the language. The excerpt "Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará" can, if linked with the theory of the speech, be interpreted as if speaking of the language itself: there are numerous possible directions for a text; nevertheless, nobody knows where they will go.

Key words: 1. Discursive semantics; 2. Polisemy; 3. Verb "to give".

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 Discurso e Texto.....	6
2.2 Ideologia e discurso.....	7
2.2.1 Formação discursiva e formação ideológica.....	11
2.3 Construção de sentidos.....	13
2.3.1 Sentido e leitura.....	17
2.3.2 Contexto sócio-histórico de produção.....	18
2.3.3 Interdiscurso	19
2.3.4 Leitura e intertextualidade.....	20
2.4 Metáfora	22
2.5 Polissemia.....	25
2.6 Considerações sobre o verbo “dar”	27
ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	29
3.1 Uma leitura do verbo dar nas letras das cinco músicas	29
3.2 A construção dos sentidos de “dar” nas respostas dos informantes	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS.....	47

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa sobre a construção dos sentidos do verbo “dar” em fragmentos das músicas: *Se*, de Djavan; *Garganta*, de Ana Carolina; *Aquarela*, de Toquinho; *Geni e o Zepelim* e *Partido alto*, de Chico Buarque. Objetiva-se analisar o emprego do verbo “dar” em diferentes contextos lingüísticos, considerando-o sob o prisma da polissemia, da construção dos sentidos pelo sujeito em cada contexto lingüístico e da historicidade da linguagem.

Especificamente, busca-se identificar os diferentes sentidos do verbo dar em cinco fragmentos de músicas brasileiras – vide anexos –, enfatizando seu caráter polissêmico e verificar a construção dos sentidos desse verbo pelo sujeito do discurso, considerando suas ocorrências nos textos citados do ponto de vista da historicidade da linguagem.

Será adotada como fundamento a Análise do Discurso (AD), teoria que associa os aspectos lingüísticos e sócio-históricos do discurso e que tem em conta a formação discursiva, a formação ideológica e a historicidade da linguagem, conceitos que busca em Orlandi (2001), Brandão (1998), Koch (2000) e Geraldi (1997) entre outros autores.

Este estudo não pretende esgotar o assunto da polissemia do verbo “dar”, mas mostrar que as possibilidades de construção dos sentidos desse verbo variam com o contexto e com o leitor. As cinco músicas escolhidas e as leituras feitas pelos 10 pesquisados podem fornecer ao leitor uma amostra do caráter polissêmico desse verbo. Daí pode-se perceber que a polissemia é muito mais presente na língua do que se costuma supor. A linguagem como um todo é intrinsecamente polissêmica, se se considerar que as leituras de um mesmo texto

podem ser várias, dadas as condições de produção do discurso: quem lê, quando lê, como lê, para que lê, em que circunstâncias lê e tantos outros fatores que interferem na construção dos sentidos.

Os excertos que constituem o *corpus* deste trabalho ajudam-nos a atingir o **objetivo geral** do trabalho, qual seja, analisar o emprego do verbo dar em diferentes contextos lingüísticos considerando-o sob o prisma da polissemia, da construção dos sentidos pelo sujeito em cada contexto lingüístico e da historicidade da linguagem. Os **objetivos específicos** são: identificar os diferentes sentidos do verbo dar em fragmentos de cinco músicas brasileiras, enfatizando o caráter polissêmico desse verbo em cada contexto; verificar a construção dos sentidos do verbo dar pelo sujeito do discurso, por meio da leitura feita por dez pesquisados dos fragmentos das músicas citadas, considerando também a historicidade da linguagem. Para que tais objetivos fossem atingidos foram elaboradas duas **questões de pesquisa**:

1. Quais são os sentidos que se podem atribuir ao verbo dar em cada fragmento das músicas escolhidas?
2. Como se dá a construção dos sentidos do verbo dar pelo sujeito do discurso, tendo em vista a historicidade da linguagem, considerando a característica polissêmica desse verbo e suas diferentes ocorrências?

Há uma diversidade muito grande de sentidos do verbo em tela, e as diferentes pessoas pesquisadas, ou mesmo cada uma delas, individualmente, pode fazer leituras diferentes em momentos diferentes. Isso evidencia o caráter polissêmico desse pequeno verbo que, tão diminuto, composto de apenas três letras, se presta a constituir uma variedade muito ampla de sentidos, dependendo do contexto em que é empregado, e acena, ainda, para tantas

outras possibilidades não registradas neste estudo ou mesmo em dicionários. Essa é uma demonstração inequívoca de que os sentidos se estabelecem na interação humana.

Dessa forma, procede-se, aqui, inicialmente a uma espécie de resumo de assunto, que se baseia em pesquisa bibliográfica feita em textos de autores da área de Semântica e da Análise do Discurso, citados na fundamentação teórica. Os fragmentos das músicas – considerados parte dos dados desta pesquisa – foram coletados por meio de documentação indireta e estão anexos. Foi feita também uma pesquisa de campo, com dez indivíduos, para verificar as distintas leituras do verbo dar em cada excerto. O *corpus* deste estudo é pequeno para se considerar a possibilidade de quantificar os dados obtidos; faz-se aqui, portanto, uma pesquisa qualitativa, com uma abordagem dialética desses dados. Isso, tendo em vista o objeto deste estudo – a linguagem como discurso – e sua complexidade, perseguindo-se, dessa forma, os objetivos traçados. Com isso, busca-se compreender por que o sujeito-leitor constrói um sentido, e não outro para esse verbo, como sendo o mais apropriado para dado contexto. Além disso, pretende-se apontar para o fato de que, nessas leituras, as ocorrências do verbo dar preservam entre si algo de um possível sentido histórica e socialmente determinado.

A relação leitor-texto parece ser bem mais complexa do que se afigura no nosso dia-a-dia. Considera-se, para efeito deste estudo, que, como elemento de mediação entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo nessa realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são sócio-históricos. Seu estudo não pode ser desvinculado de suas condições de produção. Estas, por sua vez, compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação (cf. Orlandi, 2001). Desse modo, ler não é apenas decodificar o que o texto diz ou o que o autor quis dizer, mas construir sentidos.

Na pesquisa de campo, foi realizado um questionamento aos dez informantes. Uma pergunta foi formulada e aplicada aos pesquisados a respeito do significado do verbo dar presente nos fragmentos das cinco músicas em estudo. A pergunta feita foi: Que significado(s) você atribui ao verbo dar presente em cada fragmento das músicas abaixo, de forma intuitiva, sem consulta ao dicionário? Relacione esse(s) significado(s) próximo a cada excerto. Embora este não seja um dado analisado, todos os pesquisados têm curso superior e estão na faixa etária de 25 a 50 anos. Foram cumpridas, no que foi possível, as etapas que Marconi & Lakatos (1986) chamam de “preparação da questão”. Antes de entregar os fragmentos das músicas com a pergunta, os informantes foram questionados sobre sua disponibilidade para a pesquisa, sobre o melhor horário e local, e como se trata de um assunto de complexidade relativa, foi dada preferência a pessoas portadoras de diploma de ensino superior.

O conteúdo do presente do trabalho encontra-se disposto em quatro capítulos. O Capítulo 1 é constituído por esta Introdução, em que se evidenciam os objetivos e as questões de pesquisa, a relevância acadêmica, social e científica do estudo do tema em questão e a metodologia utilizada. O Capítulo 2 trata do referencial teórico, em que foram abordados a construção de sentidos, a linguagem como discurso, o texto, o sentido e a leitura, a ideologia, a formação discursiva e ideológica, o contexto sócio-histórico de produção dos discursos, o interdiscurso, a intertextualidade, a metáfora, a polissemia e algumas considerações sobre o verbo dar. O Capítulo 3 trata da análise do *corpus*, em que se analisam os fragmentos do verbo dar nas cinco músicas estudadas e as respostas dos informantes. Para finalizar, o Capítulo 4 expõe as considerações finais, com algumas conclusões a que chega esta pesquisa.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo se divide em seis seções, com os seguintes títulos: Discurso e texto; Ideologia e discurso; Construção de sentidos; Metáfora; Considerações sobre o verbo dar. A base teórica desta monografia é tomada principalmente das obras de Orlandi (1996, 2001, 2002, 2005), Brandão (1998), Koch (1986, 2000, 2003, 2004) e Geraldi (1997, 1999), com ênfase no trinômio formado pela construção dos sentidos, formação discursiva e ideológica e historicidade da linguagem, fundamentando-se na Semântica Discursiva e na Análise do Discurso.

2.1 Discurso e Texto

Considerando a linguagem como uma atividade interativa e que conduz a concepção processual da construção dos sentidos, e que todo texto é constituído por uma proposta de múltiplos sentidos, pode-se afirmar que todo texto é um hipertexto (Koch, 2002, p. 61). Segundo Koch (op. cit.), para que o leitor possa construir um sentido, que não se dá de maneira linear e seqüencial, é necessário que ele realize um constante movimento em variadas direções recorrendo a diversas fontes de informação, textuais e extratextuais.

O texto, por não ser um espaço fechado ou estanque, constitui-se num conjunto heterogêneo e complexo, à medida que é atravessado por várias posições de sujeito ou lugares de fala. Desse modo, podemos compreender por que um determinado texto reúne certo enunciado e não outros. Tratando dessas questões, Koch (2000) afirma ainda que:

(...) um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores (de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional) são capazes de construir para ela determinado sentido.

A concepção de texto subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. Uma vez construído *um* sentido e não *o* sentido em um determinado contexto e associado às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo da atividade em curso, a interação verbal está estabelecida.

Na definição de Guimarães (2001, p. 8), “a mensagem quer um contexto ao qual remete, ou seja, a presença do texto como forma de sintonização da linguagem com o referente- termo este geralmente adotado pelos lingüistas para designar este contexto”. Como vimos, a compreensão de um texto vai além da simples decodificação de termos nele impressos. Como se apresenta no ensino tradicional, não basta o simples reconhecimento de palavras, parágrafos, é preciso ter em conta em que situação ele é produzido. A compreensão exige do leitor uma sintonia com os fatos situados no seu dia-a-dia, que aparecem subliminarmente impressos na mensagem textual.

Os discursos são construídos por elementos externos à voz do sujeito enunciador. Outras vozes, advindas do inconsciente e da memória, são inscritas no interior dos textos, isto é, constroem sentidos por meio de outras palavras já ditas por alguém, em algum lugar e tempo da história (Orlandi, 2001). O discurso se materializa e se manifesta lingüisticamente sob a forma de textos. Nessa perspectiva, “a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento”; ao contrário, é “interação e um modo de produção social”, não neutro e não inocente, mas engajado em intencionalidade e manifestando ideologia (Brandão 2001, p. 12).

2.2 Ideologia e discurso

Ideologia, tal como sujeito, é um conceito que vem sendo deveras questionado, seja nas ciências sociais, nos estudos literários e filosóficos, seja nas ciências da linguagem.

Muitos, ao decretarem o fim das ideologias, decretam juntamente o fim da história, vista como a história da luta de classes.

É comum, por exemplo, pensar que o conceito de ideologia tem algo de negativo e que ideologia é uma coisa pejorativa. Nesse caso, quando se rotula o pensamento ou a postura de alguém de ideológicos, freqüentemente já os estamos criticando, dizendo que aquilo é algo ruim. Por outro lado, os estudiosos da ideologia costumam entendê-la como sistemas de pensamento, de crenças ou simbólicos que permeiam as práticas sociais, inclusive, as práticas políticas (cf. Thompson, 1995).

O discurso tem uma dimensão ideológica que relaciona as marcas deixadas no texto com as suas condições de produção e que se insere na formação ideológica. A questão da interpretação está centrada na relação que ela mantém com a ideologia, pois mediante qualquer objeto simbólico, o sujeito se vê na necessidade de dar sentido, ou seja, de construir sítios de significância, possibilitando os gestos de interpretação (cf. Orlandi, 2005).

Segundo Orlandi (2001, p. 47), nos discursos dos sujeitos, a materialidade ideológica se concretiza, sendo uma das instâncias em que se funda o aspecto da “existência material” da ideologia expressa no discurso. Nesse sentido, não há discursos que sejam neutros; todos portam uma determinada visão impregnada de sentidos e idéias. Analisando-se a articulação da ideologia com o discurso, os dois conceitos citados anteriormente não podem deixar de ser mencionados.

A articulação entre esses dois conceitos ocasiona uma identificação e esta, por sua vez, gera algumas marcas lingüísticas que caracterizam um determinado discurso. Essas marcas estabelecem distintas relações de interlocução dentro de uma ou mais formações discursivas. E essas relações podem ser manifestadas através de quantificadores, verbos,

circunstanciais, adjetivos, advérbios, locuções adverbiais e outras marcas que se encontram presentes quando da constituição de um determinado discurso (cf. Koch, 2000). Portanto, é possível analisar, através dessas marcas existentes nos textos, tanto a forma como este foi organizado quanto a articulação dos discursos que se entrelaçam nele e algumas de suas relações com o contexto em que foi produzido.

Os critérios para a caracterização de um determinado discurso são baseados nos participantes do discurso, ou seja, o objeto do discurso e seus interlocutores. Considera-se que há dois processos: o parafrástico e o polissêmico, que são constitutivos da tensão que produz o texto (cf. Orlandi, 2001). O discurso proferido em um processo parafrástico é aquele que sempre se repete, isto é, mesmo pronunciado por diversos locutores em várias instituições e por meio de vários textos, constitui um significado singular. O conjunto desses documentos acarreta uma intertextualidade discursiva que pode incitar leituras previsíveis ocasionando um sentido objetivo para um texto oriundo desse processo. Ainda que esta previsibilidade não ocorra de forma absoluta, o conjunto dessas relações acaba indicando a forma que o texto deve ser lido e entendido pelo sujeito. O discurso polissêmico, por outro lado, apresenta várias interpretações envolvendo uma quantidade maior de possibilidades, pois está relacionado à multiplicidade de sentidos do texto, ao contexto de leitura e ao leitor (cf. Orlandi, 2002).

É na relação entre esses dois processos que são produzidos sentidos. A polissemia representa a tensão estabelecida pela relação homem/mundo, pela influência da prática e do referente na linguagem (cf. Orlandi, op. cit.). Sendo que este referente pode ser trabalhado de diferentes maneiras, dependendo do processo discursivo em que este estiver inscrito.

O trabalho de interpretação é ideológico, pois a ideologia interpela o indivíduo como sujeito (cf. Althusser, apud Orlandi, 2001), levando-o a identificar-se com grupos ou classes em dadas formações discursivas e a se posicionar socialmente pelos discursos que as

determina, desempenhando funções discursivas, como as de produzir textos e interpretá-los. De acordo com Orlandi (1996, p. 47), o sentido é uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história. A ação da ideologia desencadeia no sujeito um sentimento de evidência, como se os sentidos já estivessem sempre lá - o “sentido-lá”. Essa autora segue afirmando que:

A evidência, que, na realidade é um efeito ideológico, não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção. (...) Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. (Orlandi, 1996, p. 45-46)

Por esse mecanismo ideológico de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais, constituindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

Sobre o papel da ideologia como elemento orgânico das manifestações lingüísticas, Orlandi (2001, p. 48) afirma que a “ideologia (...) não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade”. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e da língua com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo a termo entre linguagem-mundo-pensamento, essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário.

São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas. Por outro lado, como dissemos, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em

sujeito, inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz.

Orlandi (2002) postula, em um sentido mais amplo, tratando sobre a função ou o papel da ideologia na produção de sentidos (função e/ou papel que o discurso compreende e exercita), que:

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições de sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos, mas se produzem com eles. (Orlandi, 2002, p. 21).

Resumindo, a ideologia promove a relação palavra-coisa, é componente inseparável do processo de significação. Sem interpretação, a linguagem “não faz sentido”. E sentido é história. Portanto, a ideologia atesta a relação da língua com a história, mesmo porque é o mecanismo que viabiliza essa relação. Linguagem e ideologia são termos intimamente relacionados. A ideologia intermedeia nossas relações com o mundo ao nosso redor, nos constitui enquanto sujeitos (sujeitos *de* e sujeitos *a*) e faz com que a língua signifique (cf. Orlandi, 2001).

2.2.1 Formação discursiva e formação ideológica

O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, constitui um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias. (Brandão, 1998, p. 37). Sobre a formação ideológica, essa autora, citando Haroche et al., lembra que:

Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento (...) suscetível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (Brandão, 1998, p. 38, grifos da autora).

Segundo Brandão (1998), a definição de formação discursiva tem relação com a de formação ideológica, pois os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica e um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes. Ainda de acordo com Brandão (op. cit.), uma formação ideológica é o conjunto de posições políticas e ideológicas organizadas conforme as relações de conflito, aliança e dominação estabelecidas entre as classes sociais. A mesma autora define formação discursiva como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.

De acordo com Pêcheux, citado por Brandão (1998, p. 39-41) o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva. As condições de produção dos discursos, a formação ideológica e a formação discursiva constituem uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso. A AD não estaciona na interpretação, que é o sentido pensado enquanto co-texto (as outras frases do texto), no contexto imediato e na organização do texto com suas marcas lingüísticas por meio da representação da linguagem: som, letra, espaço e dimensão. A AD visa, segundo Orlandi:

(...) a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem (...). Em suma a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. (Orlandi, 2001, p. 26).

Segundo Brandão (1998), a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os

discursos são governados por formações ideológicas. Os discursos político, religioso, jurídico, entre outros, cada qual fará um recorte da realidade. Eles podem, assim, omitir, atenuar ou mesmo falsear dados, pois estarão promovendo seus discursos de acordo com formações discursivas e ideológicas diferentes.

Nesse sentido, Brandão (1998) afirma que tais discursos são governados por determinadas formações ideológicas. Selecionam elementos da realidade, modificando as formas de articulação do espaço da realidade. Elas têm sua própria percepção de mundo, têm sua própria ideologia. A ideologia dominante, portanto, por meio das formações discursivas, norteará o sujeito na produção de seu discurso. A liberdade de criação de um sujeito está presa às determinações impostas pelas formações discursivas, e a ideologia é o principal instrumento de dominação, que, por meio da linguagem, diferencia as formações ideológicas na sociedade, invertendo ou modificando a realidade.

Dado isso, sujeito e sentido, fugazes e errantes, podem ser captados enquanto efeitos do funcionamento discursivo a partir da observação das modulações ideológicas presentes no discurso. E é a partir da idéia de língua que se torna possível atingir essas instâncias; a partir do funcionamento da língua na história é que se pode depreender a materialidade do ideológico.

2.3 Construção de sentidos

Desvendar segredos suscita a idéia de trilhar caminhos de embate entre aquele que guarda o poder – o segredo – e aquele que deseja descobri-lo (cf. Koch, 2003). Ao texto reserva-se o privilégio de guardar o tesouro e ao leitor, a habilidade de trabalhar estratégias para encontrar e valorizar a riqueza contida neste tesouro.

Para Bakhtin (2002, p. 36), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”. Para ele, a palavra seria a ponte em que, quando lançada, de um lado está o locutor e do outro, o interlocutor. Sobre essa ponte é que se dão as tramas sociais e ideológicas que determinam os sentidos. Se no processo de interação o interlocutor presente direciona a palavra do outro, este também não perde de vista falas, vozes, valores, concepções que se fazem ouvir, embora distantes. Como a palavra traz as marcas históricas, sociais e culturais, a gama de sentido que ela denota é algo que vai sendo produzido de acordo com os processos de mudanças sociais, ou seja, os vários sentidos das palavras são construídos ao longo da história, em momentos singulares, pelos sujeitos sociais, em interação verbal.

Esse processo de interação não ocorre fora do contexto social e histórico, mas é fruto da interlocução entre sujeitos. É, portanto, a relação entre linguagem e ideologia o enfoque do presente trabalho, pois “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2001, p. 17).

Entendendo a linguagem como discurso, num universo de elementos ideológicos, históricos e sociais, tais relações conferem às palavras determinadas possibilidades e sentidos, conforme a combinação desses elementos nos textos. A construção dos sentidos não se faz totalmente pelo sujeito no momento da leitura, de modo que todas as leituras, independentemente do contexto lingüístico, sejam possíveis. As relações internas das palavras no texto e sua historicidade determinam de certo modo a construção dos sentidos pelo sujeito. Ele deve ter em conta esses elementos para desvendar o texto, para construir sentidos para ele, quando interpelado em sujeito pela ideologia (cf. Orlandi, 2001).

Por ser um conjunto de elementos internamente organizados, a língua é uma estrutura. A partir deste ponto, defende-se que a fala emerge como recurso de concretização

da língua. “Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá” (Orlandi, 2001, p. 10). A fala transporta para o mundo físico o pensamento humano associado à linguagem, sendo o pensamento e a linguagem instâncias intimamente relacionadas, senão inseparáveis.

A língua constitui, portanto, a condição de possibilidade do discurso, pois é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido. Assim, pode-se dizer que discurso é o espaço em que emergem as significações (cf. Brandão, 1998).

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (cf. Orlandi, 2001).

Conforme Orlandi (1996), o contexto é constitutivo do sentido, já que a variação nas condições de produção afeta a construção de sentidos que emergem a partir da interação entre interlocutores. Desse modo, pode-se dizer que, além de ter em conta a historicidade das palavras e suas relações dentro do texto, o leitor deve considerar o contexto de produção da leitura, o ato de dizer – a enunciação –, sua historicidade, as relações discursivas e ideológicas que tramitam no texto. Então, ler um texto, por exemplo, em busca de informações para responder questões pontuais possibilita uma produção de sentidos diferente da que ocorre na leitura em busca de relações e implicações subjacentes às informações deste mesmo texto. Ou seja, a leitura não muda apenas com o leitor, mas um mesmo leitor pode fazer leituras distintas de um mesmo texto, conforme seus objetivos.

O deslocamento dos sentidos do/no interdiscurso – o já-dito, a memória discursiva, ou ainda, como Orlandi (2001) estabelece, a “memória do dizer” – produz efeitos de sentido recuperáveis na superfície discursiva a partir das posições do sujeito, sendo esses

os responsáveis pela cristalização dos sentidos. Ao mesmo tempo em que o sentido é delimitado e determinado pelo reiterável (interdiscurso), pode subverter a ordem dos sentidos já estabelecidos a partir dos deslocamentos (resultantes do trabalho do sujeito do discurso sobre a forma-sujeito). Assim, pode-se pensar o sujeito como instância subordinadora e subordinada, como errância, enfim. Entretanto, os deslocamentos não obedecem diretamente à “vontade” do sujeito, pois, grosseiramente falando, pode-se afirmar que o sujeito caminha livremente sobre as paragens interdiscursivas, produzindo trilhas no interdiscurso, gerando efeitos de sentido. Todavia, esse sujeito caminha vendado, e os fios da trama de sua venda são os fios da ideologia e do inconsciente, fios que – mais do que obscurecer a visão do sujeito – determinam seus percursos (cf. Orlandi, 1996).

O processo interlocutivo no qual se instaura a construção de sentidos, como propõe GERALDI, requer o uso de recursos expressivos. Diz também o autor:

Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressões pronto, entendendo-se a língua como um código disponível, não haveria construção de sentidos (e por isso seriam desnecessários fenômenos lingüísticos empiricamente tão constantes como a paráfrase, as retomadas, delimitações de sentido, etc.); se a cada fala construíssemos um sistema de expressões, não haveria história. Por isso, aceitar a vagueza dos recursos expressivos usados não quer dizer que não exista sentido nenhum. (Geraldí, 1999, p. 10).

Isto implica dizer que as intenções e objetivos do autor revelam-se na estrutura lingüística do texto e que esta delimita (sem limitar) as possibilidades de construção de sentidos por parte do leitor. São as pistas lingüísticas que favorecem, neste último, a ativação do conhecimento necessário para a construção dos sentidos.

Então, pode-se dizer que existem limites para a compreensão textual e que estes são estabelecidos na própria relação entre autor-texto-leitor. Contudo, é o leitor que constrói os sentidos para um texto, considerando a limitação discursiva que lhe é imposta, mas também com base em elementos contextuais e históricos da própria leitura. O autor, inclusive,

pode ser considerado o primeiro leitor do texto que produz e nem sempre constrói os mesmos sentidos para ele. Depende do seu momento de produção da leitura, ou seja, de enunciação sobre o texto já produzido.

2.3.1 Sentido e leitura

A necessidade premente de se atribuir significação e sentido ao objeto lingüístico com o qual se depara pode levar o leitor a pensar que os componentes situacionais solucionam todas as possíveis dúvidas interpretativas. Sendo assim, um exame minucioso da escolha lexical feita pelo autor pode acabar ficando para segundo plano. Com essa observação, não se tenciona negar a importância do contexto em que se produz a leitura, mas ressaltar o quanto a observação atenta das palavras de um texto pode contribuir para perceber certas marcas lingüísticas que podem provocar leituras distintas da que poderia ser feita considerando-se apenas o contexto. Para a construção dos sentidos, além do contexto de produção da leitura, como já dito, é preciso observar a historicidade da linguagem.

Corroborando essa idéia, podemos mencionar as palavras de Orlandi ao afirmar:

(...) é ainda do contexto histórico-social que deriva a pluralidade possível – e desejável – das leituras. Quando me refiro à pluralidade das leituras não estou pensando apenas na leitura de vários textos, mas, sobretudo, na possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras. Este é um aspecto fundamental do processo de significação que a leitura estabelece. (Orlandi, 1996, p. 85).

Na verdade, o texto permite diferentes leituras. A leitura é polissêmica e atribui múltiplos sentidos ao texto. O leitor também não chega à exaustividade de uma leitura ou à completude do texto, pois, conforme postula Orlandi (2001, p. 62): “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes”. A análise feita aqui, por exemplo, está relacionada aos “fatos da linguagem com

sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade lingüístico-discursiva” (Orlandi, 2001, p. 63), não se pretendendo *a* leitura, mas *uma* entre tantas possíveis.

2.3.2 Contexto sócio-histórico de produção

Devem-se considerar como elementos constitutivos da produção de sentido: o texto, os sujeitos interlocutores, o contexto sócio-histórico, o explícito e o implícito no texto e a intertextualidade, para que o indivíduo possa agir crítica e criativamente, fazendo-se sujeito historicamente capaz. Nesse sentido, quando lemos, produzimos sentidos – reproduzindo-os ou transformando-os – e, mais do que isso, participamos do processo sócio-histórico de produção desses sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada (cf. Orlandi, 1996).

O leitor faz sua leitura de um dado lugar, de onde lê, conforme sua formação discursiva e ideológica, mas também deve considerar os elementos que interferem e atuam nessa construção. Sobre isso, afirma Geraldi que:

Construir sentidos no processo interlocutivo demanda o uso de recursos expressivos: estes têm situacionalmente a garantia de sua semanticidade; e têm esta garantia precisamente por serem recursos expressivos que levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão, e este processo depende também das expressões usadas e não só de supostas intenções que o interlocutor atribua ao locutor. (Geraldi, 1997, p. 10).

Com base na historicidade da linguagem, é possível recuperar esse movimento constitutivo da linguagem, que se dá na história pelo trabalho de sujeitos, mas que não depende somente deles (Geraldi, 1997, p. 15). Como argumenta Koch (2002), o contexto não abrange apenas o co-texto ou o dito, mas também a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico e cultural) e o contexto sociocognitivo dos interlocutores.

Tudo isso interfere no processo de construção de sentidos e faz parte do contexto sócio-histórico de produção de discursos.

2.3.3 Interdiscurso

O conceito de *interdiscurso* começa a produzir efeitos na Semântica da Enunciação brasileira por volta da década de 1980, com os estudos de Eduardo Guimarães. Esse conceito foi sendo trabalhado por essa semântica através de um profícuo diálogo teórico com a Análise do Discurso desenvolvida no Brasil pelas produções de Eni Orlandi. Em Guimarães (2001), o conceito de *interdiscurso* aparece na expressão “relação interdiscursiva”.

Guimarães (op. cit.) considera o texto como unidade de análise, a partir de uma perspectiva discursiva proposta por Orlandi (1996). Orlandi considera o texto como um recorte discursivo, sobre o qual o analista do discurso deve se debruçar para analisar os discursos. Para ela, o texto se relaciona com outros textos. No texto tramitam vários discursos que se relacionam dentro do próprio texto, ou seja, intradiscursivamente, mas também se relacionam com outros discursos, que estão fora do texto. Daí o conceito de interdiscurso (cf. Orlandi, 2001).

Interdiscurso, então, segundo Orlandi (op. cit.) é tudo o que já foi dito e esquecido e que, resgatado pelo sujeito, produz sentido em situações discursivas novas, sem que necessariamente se tenha consciência daquelas pelas quais se construíram efeitos de sentido anteriormente. É pelo interdiscurso que os discursos se relacionam com outros discursos passados, presentes e futuros.

2.3.4 Leitura e intertextualidade

Em se tratando de leitura, Geraldi (1999, p. 113) afirma que “na parceria do jogo” que se estabelece entre autor e leitor *no e pelo* texto, nenhuma jogada é em si e de per si neutra: em cada jogada calculam-se possibilidades, correm-se riscos. Os parceiros tornam-se co-agentes e cúmplices. É na alteridade que os sujeitos se estabelecem no discurso: o outro é a medida de todas as jogadas. Com o outro se compartilha um universo comum de referências, códigos de ética, de comportamento etc. e, na história do vivido, constrói-se também cumplicidade. Esse outro não necessariamente é outro sujeito, mas pode ser outro discurso (cf. Orlandi, 2001).

Emergindo a leitura da interação, acredita-se que há vários modos de ler e, conseqüentemente, vários modos de interpretar e entender um texto. Nesse sentido, este trabalho considera o que diz Orlandi (2001). Ela defende que a leitura depende das condições e dos objetivos em que é produzida, lida e, ainda, dos tipos discursivos em que está fundamentada. Portanto, condições de produção e recepção, objetivos da leitura, tipos discursivos, ao emanarem das relações intersubjetivas e interlocutivas que se estabelecem nessa dinâmica, fazem do ato de ler um processo interativo e fazem do texto não um mero espaço de informações, mas um lugar de significação e sentido (cf. Orlandi, 1996, p.196).

Segundo Koch (2004), ler é construir sentidos, o que significa uma atitude ativa e responsiva do leitor diante do texto. Cabe ao leitor preenchê-la com base em seus conhecimentos, no que o autor explicitou/deixou de explicitar, nas pistas que o texto apresenta. Não se trata, portanto, apenas de “captar” a intenção do autor, nem tampouco de o leitor construir quaisquer sentidos para o texto, mas, sim, de levar em conta que todo texto é “incompleto” e essa “incompletude” é uma indicação de que a leitura pressupõe a interação autor-texto-leitor.

Um tipo de marca textual em que o leitor deve se basear é a intertextualidade. Ela é explícita quando há menção da fonte do intertexto, como nas citações. A intertextualidade é implícita quando não existe essa menção. Ela se dá pela alteração do texto-fonte, com o intuito de confirmar sua argumentação, de rejeitá-la ou mesmo de ridicularizá-la, segundo Koch (2004, p. 146), podendo resultar em paráfrases, em paródias ou em enunciados com valor irônico.

Segundo Fávero e Koch (1985), o conceito de intertextualidade abrange as várias formas pelas quais a produção e a recepção de um texto pressupõe o conhecimento de outros textos, isto é, “diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes” (Fávero; Koch, 1985, p. 28).

Sentindo a necessidade de ampliar este conceito, Koch (1986) propõe a divisão da noção de intertextualidade em um sentido amplo e em um sentido restrito. Para Koch, “em sentido amplo, é lícito afirmar que a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto” (1986, p. 40). Conforme Orlandi (1987), um texto relaciona-se com outros textos dos quais nasce e para os quais aponta (seu futuro discursivo), o que caracteriza todo texto como necessariamente incompleto. Incompletude atestada tanto pela correspondência de um texto com outros textos quanto pela sua ligação com a experiência do leitor em relação à linguagem, seu conhecimento de mundo, à sua ideologia etc.

Num sentido amplo, a intertextualidade se caracteriza pelas relações semânticas existentes entre os textos, não podendo ser confundida minimamente pelas relações lingüísticas e/ou lógicas. Além disso, ela se constitui como fato social da interação. Tomando mais restritamente a perspectiva bakhtiniana, a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para produzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo (cf. Fiorin, 1994, p. 30).

A intertextualidade “(...) diz respeito aos modos como a produção e recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona” (Beaugrand & Dressler apud Koch, 2003, p. 60). Constatase, assim, que a intertextualidade interfere significativamente na produção de sentidos.

2.4 Metáfora

A metáfora está na base da construção da significação. Segundo Pêcheux (apud Orlandi, 2005), não há sentido sem metáfora, sem transferência de significação entre palavras e expressões dentro de uma formação discursiva. Como exemplo, pode-se citar o fragmento da música da Ana Carolina intitulada Garganta: “se eu tô te dando linha, é pra depois te abandonar”. Dar linha pode adquirir o sentido de oferecer facilidade de aproximação, de conquista; “dar corda”, bem como, o sentido do molinete do pescador para fisgar o peixe.

Faz-se, necessário entender que não há sentido sem metáfora. Sob esse aspecto, as palavras não têm sentido próprio, preso a uma possível literalidade. Para Pêcheux:

(...) o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. (...) o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. (apud Orlandi, 2001, p. 44).

Com base nisso, pode-se considerar que a mesma palavra pode significar diferentemente em contextos distintos porque se inscreve em formações discursivas diferentes. O sentido de uma palavra, expressão ou proposição, ainda segundo Pêcheux:

(...) não existe em si mesmo –, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas, isto é, reproduzidas. Para o autor, palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa

que elas tomam o seu sentido em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. (Pêcheux apud Orlandi, 2001, p. 42).

Percebe-se, portanto, que um novo sentido construído por um sujeito para uma palavra em dado contexto, qualquer que seja ele, não acaba com um sentido antigo. Ambos existem concomitantemente. O mesmo termo pode empregar-se em um sentido ou em outro, podendo ser mais restrito, mais abstrato ou mais ou menos concreto.

Ora, é pouco provável que se possa afirmar com convicção que uma palavra utilizada por um determinado locutor possa ter o mesmo significado para todos os ouvintes, uma vez que o conhecimento de mundo interfere na interpretação dos enunciados, pois é no âmago das palavras que se encontram a força semântica e a natureza ambígua, propiciadora de novas possibilidades significativas, levando o leitor-ouvinte a adentrar no mundo das possibilidades interpretativas dessas palavras para extrair delas a significação de uma realidade reinventada, transformada.

Outra questão subjacente reside na idéia de que as expressões lingüísticas são derivadas de processos engendrados na mente – ditos figurativos (cf. Lakoff; Johnson, 2002) – que se correlacionam com o contexto social no qual são produzidas. Logo, tais expressões não dispõem de significados primários; pelo contrário, representam “pistas” para o processamento de diferentes significados pelos usuários.

A propósito, no âmbito da vertente de análise lingüística aqui respaldada, ganha vez a noção de que a maior parte das construções lingüísticas representa o somatório de processos figurativos “metafóricos” realizados entre domínios conceptuais. Seguindo essa linha de pensamento, Lakoff e Johnson (2002) sustentam a tese de que “...a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria,

são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 127).

Observa-se que no uso metafórico das palavras ocorre uma transferência de atributos pertencentes a determinados objetos a outros; efetuando-se, assim, uma transposição de sentido. Desse modo, o leitor consegue identificar novas possibilidades significativas que apenas estavam latentes nas palavras.

Conforme postula Orlandi (2001, p. 26), a interpretação reproduz a compreensão de como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. Para compreender, o sujeito procura a explicitação da significação no texto, mas também se permite, muitas vezes, "escutar" outros sentidos que parecem estar lá. Nesse conflito, é que ele tem de buscar a significação.

A compreensão implica explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Bakhtin (apud Orlandi, 2001) não só põe o enunciado como objeto dos estudos da linguagem como dá à situação de enunciação o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal. Como, através de cada ato de enunciação, se realiza a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal passa a constituir uma realidade fundamental da língua.

O sujeito não é um elemento passivo na constituição do significado, ele o constrói na interação autor-texto-leitor. Entretanto, os sentidos não estão assim pré-determinados por propriedades da língua, mas dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. Contudo, não são as formações discursivas homogêneas, mas constituídas pela

contradição, heterogêneas nelas mesmas e detentoras de fronteiras fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (cf. Orlandi, 1996).

2.5 Polissemia

A principal causa da mudança semântica, ou seja, da mudança de significado de uma palavra através dos tempos, é a polissemia, que consiste no fato de uma determinada palavra ou expressão produzir diversos efeitos de sentido além de seu sentido mais comum (do grego *polissemia* = muitas significações).

Segundo Orlandi (2001, p. 42-43), o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

A linguagem, como um sistema articulado de signos, construído socialmente ao longo da história, veicula significados instituídos relativamente estáveis, embora mutáveis, o que faz a polissemia das palavras. Entretanto, esses significados adquirem sua significação concreta no contexto da interlocução (Orlandi, op.cit, p. 45).

Os dicionários Aurélio e Houaiss elencam várias acepções para o verbo dar e expõem suas possibilidades de transitividade ou de intransitividade. O autor de um texto, conforme o efeito de sentido que deseja provocar em seu texto para esse verbo, pode fazer uso de uma ou outra dessas transitividades para conferir-lhe o efeito desejado.

Se ao significar nos significamos, isto é, sujeito e o sentido configuram-se e é nisso que consistem os processos de identificação (Orlandi, 2001), pode-se dizer que essas

escolhas do autor se constituem também como marcas de autoria e de estilo. O autor, sua intencionalidade e os sentidos que ele deseja imprimir no texto podem ser, até certo ponto, resgatados por essas marcas presentes no texto.

Podemos observar que a escolha de expressões e vocábulos não é arbitrária e aleatória, pois o autor – no caso, os compositores – deseja provocar no texto determinado efeito de sentido para cada palavra. Desse modo, para o autor, o leitor poderá atribuir a tais palavras um dado sentido e não outro, o que de fato não ocorre sempre. O leitor constrói sentidos vários, como já se disse em seções anteriores deste trabalho, para o que lê, conforme as condições de produção da leitura. O sentido dado ao texto pelo leitor, muitas vezes, é bem diferente do esperado. Conforme Ilari e Geraldi há:

(...) casos em que uma expressão, sem prejuízo de seu sentido, assume uma significação real resultante da exploração de informações e expectativas dos interlocutores engajados numa conversação específica. O sentido que a expressão assume então no contexto de fala pouco ou nada tem a ver com o sentido que se poderia esperar para a expressão a partir das palavras que a compõem. (Ilari; Geraldi, 2000, p. 75).

Depreende-se, portanto, com o desenrolar deste estudo, que com o esquecimento do sentido comum pelo sujeito do discurso (cf. Orlandi, 2001) e construção por esse sujeito de um novo sentido fundamentado no contexto situacional existente, chega-se ao ponto de partida para a interpretação. Percebe-se, pois, a inadequação da expressão “significado literal” na prática discursiva, tendo papel extremamente relevante o contexto, a situação de uso da linguagem. É imprescindível, numa análise como a que se faz aqui, considerar o papel do processo inferencial como elemento indissociável da leitura. O leitor infere determinados sentidos do texto e subentende outros com base no modo como o texto foi construído, em seu conhecimento prévio sobre o assunto e sobre a linguagem e no lugar histórico e social de onde ele fala.

Diante da polissemia, ou seja, da disseminação de significantes, a compreensão da linguagem entre sujeitos é possível porque a interação ocorre a partir de um discurso determinado social e historicamente, e institucionalizado, no interior do qual o jogo é limitado e a polissemia do signo não é arbitrária ou incontrolada. O sujeito, ao se expressar, constrói mais uma ilusão: a de que cria um discurso original e que esse discurso é seu, de sua autoria (cf. Pêcheux apud Orlandi, 2001).

2.6 Considerações sobre o verbo “dar”

É comum atribuir ao verbo dar os sentidos de doar, presentear e entregar. Seria possível, porém, definir de forma genérica o verbo dar de modo a englobar esses outros sentidos? Se for possível, existe uma relação de hiperonímia entre o verbo dar, de um lado, e doar, presentear e entregar, de outro. Hiperonímia, segundo o dicionário Houaiss, é uma “relação estabelecida entre um vocábulo de sentido mais genérico e outro de sentido mais específico”, aqui, no entanto, essa relação não se dá entre vocábulos, mas entre significados. Nesse caso, o verbo dar, em seu sentido “genérico” seria uma espécie de hiperônimo do próprio verbo dar em suas outras acepções.

Por essa análise, o sentido de *dar* inclui, mas não é idêntico aos sentidos de *doar*, *presentear* e *entregar*, os quais se definiriam como subáreas dentro da área conceitual do verbo *dar* por meio da especificação de componentes adicionais em sua estrutura comum. No caso de *doar* e *presentear*, esse componente define a relação de posse que resulta do processo expresso pelo verbo como de caráter permanente. No caso de *entregar*, o traço distintivo refere-se à transferência da posse física. Nesse caso, o verbo dar no sentido de doar, presentear e entregar teria as características desses verbos mais as características do verbo dar “hiperônimo”.

Presente no Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque em 99 acepções e 12 expressões, o verbo é apresentado em diferentes regências e compondo expressões oriundas de obras literárias e populares, bem como em expressões consideradas chulas e pouco recomendáveis ao uso cotidiano, embora presente na linguagem corriqueira dos falantes da língua.

Percebe-se, todavia, que, apesar de o dicionário tentar abarcar e dar conta dos sentidos atribuídos ao verbo em tela na linguagem cotidiana brasileira, longe está de ter chegado ao ponto final dessa busca, pois, a cada dia ou momento, encontram-se novas significações para as palavras e com o verbo objeto do nosso estudo não poderia ser diferente, uma vez que este se reveste dos mais diferentes sentidos para dar cabo às inovações lingüísticas e neologismos que se configuram freqüentemente e compõem o léxico da gíria e da linguagem no movimento contínuo da comunicação.

Não obstante termos um país gigantesco falando o mesmo idioma, é fato corriqueiro que muitas expressões usadas em determinada região ou por determinados grupos não venham a ser compreendidas por outras pessoas. No sertão nordestino, por exemplo, pessoas mais idosas e de nível de escolaridade mais baixo usam a expressão “dar de garra” de alguma coisa, no sentido de agarrar, alcançar alguma coisa. Certamente, pessoas mais jovens e com nível de escolaridade mais alto, embora da mesma região, não vão compreender a expressão dos mais velhos. Em sentido oposto dá-se o mesmo. É perfeitamente compreensível que a linguagem dos jovens seja quase incompreensível para os mais idosos, pois, revestida de neologismos e novas articulações, as palavras nas frases tornam-se estranhas àqueles que com estes não convivem ou que estão fora da sua faixa etária e, portanto, não comungam a mesma variedade lingüística.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO *CORPUS*

Este capítulo versa sobre a análise da construção dos sentidos atribuídos ao verbo dar nas músicas que constituem o *corpus* deste trabalho, abordando o uso polissêmico e metafórico da linguagem.

3.1 Uma leitura do verbo dar nas letras das cinco músicas

No excerto da música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque (*anexo 5*): "dá-se assim desde menina (...), atrás do tanque, no mato (...) ela dá pra qualquer um, maldita Geni", o verbo dar pode ser interpretado na acepção (chula) de entregar-se sexualmente. Apesar de essa ser uma acepção tão comum atualmente na linguagem coloquial brasileira, alguns pesquisadores deram ao verbo dar, nesse contexto, o sentido de acontecer. Nesse caso, o verbo se apresenta como intransitivo ou pronominal, como é o caso no trecho da música de Chico Buarque.

No excerto da música *Se*, de Djavan (*anexo 1*), "mais fácil aprender japonês em braile do que você decidir se dá ou não", o verbo dar pode assumir o mesmo sentido assumido nos excertos anteriores. Nada garante, entretanto, que o autor não tenha pretendido dar a esse verbo, nesse trecho, um sentido diferente, que não o de entregar-se sexualmente. Mas, por exemplo, poderia ter desejado atribuir-lhe um complemento como "carinho", "coração", "afetividade", "vida", ou outro qualquer. Para uma melhor leitura, isso deverá ser conferido no contexto lingüístico em que se insere o verbo, e é o leitor-ouvinte que decide o significado que vai atribuir ao verbo em conformidade com a sua compreensão, sua história de vida, seus sentimentos.

Foi de largo uso no Brasil, décadas atrás, por exemplo, a expressão “dar bola” para alguém, quando bola não era nem de longe o instrumento para a prática esportiva, mas estava muito mais ligada a “dar oportunidade a alguém de se aproximar com fins amorosos”. É possível que nos dias atuais, os jovens desconheçam completamente essa expressão. Não quer isso dizer que, embora não se conheça a expressão, não se possa imaginar o que isso significa, pois esta propriedade é característica da capacidade de os falantes da língua poderem usar as mesmas palavras em arranjos novos, com sentidos diferentes, algo muito mais complexo e dinâmico do que pretende explicar a gramática normativa da língua ou o dicionário.

Quando, por exemplo, ouvimos alguém responder a uma indagação ou a um convite e dizer que “não vai dar”, podemos deduzir que ali o verbo está empregado com o sentido de não ser possível, mas é provável, também, que outros sentidos estejam implícitos na expressão se existe por trás do que é manifesto uma comunicação sob código a intenção de dificultar a compreensão por parte de quem está fora do contexto.

“Aprendi a me virar sozinha, e se eu tô te dando linha é pra depois te abandonar”, diz Ana Carolina, na sua música Garganta (*anexo 2*). Nesse trecho, o sentido do verbo dar se sugere, pelo contexto, mais próximo do sentido de incentivar ou de oferecer facilidade para que alguém se aproxime ou se mantenha próximo. Esse sentido é parecido com o de “dar corda”, em que uma pessoa incentiva outra a falar ou fazer algo que pode ser considerado inadequado, beirando muitas vezes ao exagero, conforme sua vontade.

No caso de “dar linha”, poder-se-ia pensar também, por analogia, no pescador que, no seu trabalho paciente, estende o seu anzol e para o qual se faz indispensável uma grande linha, para fisgar o peixe. Quando o peixe é fisgado, o pescador, normalmente, solta mais linha da carretilha para que o peixe nade e se canse. Isso, especialmente se for um peixe

grande. Somente depois de “dar linha” é que o pescador a enrola, pegando de vez o peixe. A comparação com o “dar linha” de Ana Carolina pode ir mais além, visto que, em algumas pescarias esportivas, os pescadores soltam os peixes, depois de capturá-los, deixando-os livres. Para o peixe, a finalização do processo é positiva, enquanto no trecho da música acima, o desfecho é negativo. “Dar linha para depois abandonar” seria uma atividade pensada de alguém para manter o outro próximo, abandonando-o em seguida, numa relação de persuasão e desprezo.

“Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva”. Nesse trecho, dar pode ser entendido como desenhar uma “luva” em torno da mão, como sugere o próprio texto, mas, mais que isso, o sentido do verbo dar se sugere mais próximo do ato de presentear-se com uma luva desenhada. Lançando mão do imagético, o eu-textual é capaz de atribuir-se esse presente. Nesse caso, como em toda a música, Toquinho usa a metáfora e a polissemia como formas da heterogeneidade mostrada e não marcada, além de justapor vozes para construir o imaginário infantil.

Existe uma ambigüidade, construída por Chico Buarque, na letra da antológica "Partido alto": "Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará...". Um dos possíveis sentidos do verbo "dar" em "Diz que deu" seria o de "adquirir o hábito de", que também se vê, por exemplo, em "O moço deu de chegar ao hotel altas horas da noite" (de "A Parábola das Cruzes", de Mário Donato, citado pelo "Aurélio") e em "Deu agora para conversar comigo à mesa" (de "Canção do beco", de Dias da Costa, também citado pelo "Aurélio"). Nesse caso, o verbo "dar" é transitivo indireto e rege a preposição "de" (no exemplo de M. Donato). Assim, "adquirir o hábito de" é um dos possíveis sentidos do verbo "dar" em "Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará...".

E qual seriam os outros sentidos possíveis? Nas duas primeiras aparições do verbo no excerto da música de Chico Buarque, pode-se considerar – dada a intransitividade do verbo nesses locais – também a acepção de “entrega sexual”. Dado o contexto, parece muito mais forte e marcante essa segunda possibilidade de compreensão dessa passagem da letra de Chico Buarque. Os dicionários registram esse sentido sob a rubrica de "informal" ("Houaiss") ou "chulo" ("Aurélio"). O leitor pode aproveitar-se da ambigüidade do verbo “dar” nesse contexto para trazer à tona novas significações. Desse modo, as duas primeiras acepções seriam distintas da terceira.

Essa descoberta é de tal forma complexa que exige do leitor não apenas o que muitos consideram ser a leitura: um simples ato de decodificação. Muito mais do que isso, o leitor, para construir os sentidos do verbo dar em “diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará” precisa abstrair, precisa de processar a linguagem, de recorrer à memória discursiva, a seu conhecimento de mundo, em um procedimento mental bastante intenso, complexo e muito elaborado. Aquele que escreve, muitas vezes, não está presente para contar o que quis dizer, portanto essa pergunta não é pertinente nesse caso. É preciso que o leitor, considerando o contexto lingüístico, o momento de produção da leitura e do enunciado, busque, por si, (re)construir o sentidos do e para o texto.

Nessa música, Chico Buarque parece ter mesmo conferido um novo *destino* às palavras, ou seja, buscado semanticamente, ainda que de modo inconsciente, novas possibilidades de atribuição de sentidos inesperados que, à primeira vista, podem provocar estranhamento, mas, ao mesmo tempo, despertar a sensibilidade do leitor, com cuja realidade lingüística ele, o leitor, terá de lidar, necessariamente, se quiser “entender” de algum modo o texto. É, sem dúvida, essa significação que levará o leitor à essência da palavra e a refletir sobre novas possibilidades interpretativas.

3.2 A construção dos sentidos de “dar” nas respostas dos informantes

Nesse ponto do trabalho, retoma-se a pergunta feita aos entrevistados “Que significado(s) você atribui ao verbo dar presente em cada fragmento das músicas abaixo, de forma intuitiva, sem consulta ao dicionário? Relacione esse(s) significado(s) próximo a cada excerto.” para buscar compreender como eles construíram os sentidos dos textos. Abaixo segue a análise das respostas dadas, conforme cada trecho de música.

O excerto da música *Se*, de Djavan, quando diz “é mais fácil aprender japonês em braile do que você decidir se dá ou não” permite verificar que o sentido está subentendido. É possível que tenha havido a intenção de usar uma conotação de entrega sexual, de deixar nas entrelinhas o sentido para que o leitor próprio leitor construa os sentidos que lhe parecerem mais adequados. Tanto isso pode ser inferido, que um informante atribuiu o sentido de “resolve”; outro, de “se pode ou não”. Vejamos abaixo:

Excerto da música *Se*, de Djavan (Anexo 1)

“Sei lá **o que te dá**, não quer meu calor
São Jorge, por favor me empresta o dragão.
Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você **decidir se dá** ou não.” (grifos nossos)

Respostas:

Informante 1: sei lá o que você quer; transar.

Informante 2: sei lá o que você pensa, imagina; trepar.

Informante 3: o que ocorre com você?; entregar-se sexualmente a alguém.

Informante 4: acontece; entrega sexual.

Informante 5: acontecer; se vai deixar ou não.

Informante 6: o que ocorre com você?; fazer sexo.

Informante 7: acontece; conotação sexual.

Informante 8: não sei o que você pensa; transar.

Informante 9: pensa; ceder.

Informante 10: o que se passa com você, seu pensamento, idéia ou sentimento; se vai deixar ou não.

Para a primeira aparição do verbo foram dados pelos informantes, basicamente, os sentidos de “querer”, “pensar”, “imaginar”, “ocorrer”, “acontecer”, “sentir”. Quase todos os informantes, inclusive, buscaram recompor o contexto do dito. O primeiro deles, por exemplo, construiu uma paráfrase, onde o verbo “dar” é substituído por “querer”. A explicação, nesse caso, parece não poder ser descontextualizada, aliás, como normalmente ocorre nas leituras. O ambiente da ocorrência é fundamental. A informação importante para a construção dos sentidos, nesse caso, parece ser o fato de alguém não saber algo sobre o outro, em relação a uma atitude sua. Em vez de perguntar diretamente, o locutor diz “sei lá”. Em seguida, acrescenta “o que...”, que freqüentemente se completa na fala coloquial por “você sente, pensa, imagina” ou “ocorre, acontece com você” ou ainda, simplesmente, “te dá”. Por isso, a ligação dos verbos mencionados pelos informantes com o verbo dar nesse contexto. A historicidade da linguagem se impôs a uma construção dos sentidos aleatória pelo sujeito.

No excerto da música, a segunda aparição de “dar” nos remete a entender que, se o autor quis dar uma conotação sexual à sua expressão, buscou não manifestá-la claramente, pois isso seria considerado inaceitável pela sociedade, se feito por um compositor de gabarito como é o caso de Djavan. Nesse caso, o melhor seria apenas “dar a entender”, de forma implícita fazer com que o leitor complete o dito. Daí a utilização do recurso do silêncio que acompanha as palavras. Como diz Orlandi (1996), o que não é dito, o que é silenciado constitui igualmente o sentido do que é dito. As palavras se acompanham de silêncio e são elas mesmas atravessadas de silêncio.

Por outro lado, pode-se simplesmente considerar o fato de o autor ter usado a linguagem coloquial em sua música. O verbo dar, então, usado sem complemento, como ocorre no excerto, tem uma conotação sexual, que os informantes interpretaram como: “transar”, “trepas”, “entregar-se sexualmente a alguém”, “entrega sexual”, “deixar”, “fazer

sexo”, “conotação sexual”, “ceder”. Os próprios informantes parecem ter-se sentido constrangidos em dizer o que pensavam, escrevendo “deixar”, “ceder”. Seriam pertinentes perguntas como “deixar o quê?” e “ceder o quê?”. É interessante observar ainda que três informantes responderam “transar”, “trepar” e “fazer sexo”, o que pressupõe uma entrega mútua e não unilateral como parece, para muitos, apontar o verbo dar usado sem complemento.

A relação feita nesse parágrafo nos leva a compreender, o que propõe Orlandi (2005): o simbólico e o político se conjugam nos efeitos de sentido a que o sujeito de linguagem, está (as)sujeit(ad)o. Isso, porque a língua é um sistema sujeito a falhas, é o veículo da materialidade da ideologia, constitutiva tanto do sujeito quanto da produção de sentidos.

Abaixo, o próximo trecho com as interpretações dos informantes:

Excerto da música Garganta, de Ana Carolina (Anexo 2)

“Aprendi a me virar sozinha
e se **eu tô te dando linha** é pra depois te abandonar”

Respostas:

Informante 1: incentivando

Informante 2: facilitar

Informante 3: não posso vacilar

Informante 4: aparentar

Informante 5: vacilar

Informante 6: abrindo espaço, dar bola.

Informante 7: ficar

Informante 8: dar bola, estar interessado e depois abandonar

Informante 9: vacilar, bobear

Informante 10: dar corda, oferecer facilidade.

Verificou-se, na análise das respostas dos informantes, que houve proximidade de significados e um aspecto marcante é o caráter despojado da linguagem, marcada pela presença de gírias, evidenciando a ligação do dito na letra da música com a linguagem

coloquial. A interpretação feita pelos informantes 1, 2, 4, 6, 7, 8 e 10 é semelhante à que se apresenta na seção anterior para o mesmo trecho, portanto não será enfatizada aqui.

Já as interpretações de 3, 5 e 9 é diferente. “Dar linha”, para eles, teria um sentido ligado a “vacilar”. O que parece ser uma acepção nova, não dicionarizada. Teriam entendido esses informantes que o ato de “dar linha” é o mesmo que “vacilar”, que “não poder vacilar”, ou a atitude de alguém que ainda não se decidiu e que, portanto, está duvidoso, incerto, irresoluto, hesitante quanto a manter um relacionamento? Seriam necessárias maiores informações para afirmar uma ou outra coisa, mas, de qualquer modo, essa acepção não está dicionarizada e parece ser relevante, pois três, em dez informantes, construíram os sentidos dessa maneira. Isso mostra que não é apenas a historicidade da linguagem o fato importante a se considerar para a construção dos sentidos, mas também deve-se ter em conta a atuação do sujeito, sua própria historicidade, sua formação discursiva e ideológica.

A seguir, expõe-se outro trecho de música:

Excerto da música Aquarela, de Toquinho (Anexo 3)

“E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me **dou** uma luva”

Respostas:

Informante 1: faço o desenho, me presenteio com o desenho de uma luva.

Informante 2: desenho uma luva

Informante 3: me dou de presente uma luva

Informante 4: desenho, faço uma luva

Informante 5: presentearia

Informante 6: faço o desenho de uma luva e me dou de presente

Informante 7: fazer

Informante 8: oferecer.

Informante 9: desenho para mim uma luva.

Informante 10: visto, presenteio-me

Nesse fragmento, verifica-se a menção indireta à subjetividade por intermédio do trabalho da imaginação. Esta subjetividade será tanto mais regulada (ou controlada) quanto mais bem tramada esteja a superfície textual. Em outras palavras: a astúcia e a perícia do enunciador na representação de suas idéias funcionarão (ou não) como elementos diretores das estratégias de leitura. Admitindo o pressuposto de que a referenciação constitui uma atividade discursiva (Koch, 2002, p.79), conclui-se que a ativação de esquemas é uma atividade semiótica que será tanto mais eficiente quanto mais bem traçado seja o guia-mapa textual.

Pode-se considerar que há, nesse fragmento, uma referência metafórica à ação. Com a expressão “Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva”, o leitor é arrancado do nível emocional e ao mesmo tempo poético, no qual o autor remete a um mundo imaginário mágico”, fugindo da realidade. A interpretação do fragmento por alguns informantes também foi semelhante à feita na seção anterior deste capítulo. O eu-textual se presenteia com uma luva, se doa uma luva ao desenhá-la em volta da mão. Para a maioria deles – 1, 2, 4, 6, 7, 9 –, no entanto, o “eu-textual” apenas traça em volta da mão a “luva”, ou seja, ele a faz com o lápis, a desenha. Nesse caso, o ato de presentear, muito mais poético que apenas desenhar o contorno da mão, não se apresenta. Também aí se configura a relação do sujeito leitor com a linguagem: ele lê o que lê devido a fatores que não estão, necessariamente, no dito, mas que constroem-se a partir dele, por um sujeito que tem seus próprios motivos, sua própria relação histórica com a linguagem.

Em seguida temos mais um fragmento e as respostas a serem analisadas:

Excertos da música Geni e o Zepelim, de Chico Buarque (Anexo 4)

“Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato”

**“Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni”**

Respostas:

Informante 1: entrega sexual; entrega sexual

Informante 2: transar; transar.

Informante 3: entregar-se

Informante 4: deitar com; “transar”.

Informante 5: transar

Informante 6: faz sexo; transa.

Informante 7: oferta-se; entrega-se

Informante 8: faz sexo; transa.

Informante 9: entregar seu corpo; entregar-se a qualquer pessoa

Informante 10: entregar-se sexualmente a alguém; transa.

Neste excerto, os informantes foram quase unânimes em ambas as ocorrências do verbo: eles atribuíram às partes em negrito o significado de entrega sexual. Eles o fizeram, não necessariamente nesses termos, mas usando, também, a linguagem coloquial, a gíria, que os dicionários consideram “chula”. Este não é um trabalho de sociolinguística, mas já que os dados mostram, convém apontar para o fato de que essa forma de falar é muito mais comum do que se imagina. Todos os informantes têm curso superior e vários deles usam normalmente, em respostas a uma pesquisa científica – momento de certa formalidade –, palavras que usam coloquialmente. Isso leva à inferência de que não se trata mais de linguagem “chula”, coloquial, gíria, mas de palavras incorporadas à língua pelos falantes do chamado “português padrão”. Outro dado relevante a se considerar é a forma de expressar o significado que o verbo evoca, pois, percebe-se que isso tem muito a ver com o estilo que cada pessoa usa para se expressar.

Observe-se a seguir o último trecho de música e as respostas dadas pelos pesquisados:

Excertos da música Partido alto, de Chico Buarque (Anexo 5)

“Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará”

Respostas:

Informante 1: [não respondeu]

Informante 2: ganhar algo superior, como uma dádiva divina.

Informante 3: fornecer

Informante 4: ofertar, oferecer, presentear, doar

Informante 5: dar a vida

Informante 6: forneceu

Informante 7: proporcionou

Informante 8: entregou.

Informante 9: forneceu

Informante 10: Deus vai tornar possível

Tentando fazer uma leitura do que diz Chico Buarque na sua música *Partido alto*, quando diz “Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará...”, pode-se pensar que a estrutura desse trecho, a escolha lexical, as formas verbais constituem-se como apenas uma forma que não interfere na leitura. Tudo seria somente uma questão de estilo, algo de que o autor lança mão para construir o texto. No entanto, esse trecho – em que aparece três vezes o verbo dar – fez com que um dos informantes sequer buscasse uma resposta e os outros a responderem que o verbo “dar”, nesse contexto, significa “ganhar algo superior”, “fornecer” “ofertar, oferecer, presentear, doar”, “dar a vida”, “proporcionar”, “entregar” e “Deus vai tornar possível”.

Reflexão: que mecanismos poderíamos pensar em adotar para interpretar esse excerto? Como podemos inferir o sentido do verbo dar nesse jogo de palavras? Como podemos “pescar” a ideologia que se faz pano de fundo nesse excerto? Que discursos estariam por trás, entrelaçados a este? Que vivências, sentimentos e divagações estariam por trás?

Vê-se, novamente, que o contexto é tomado como parte da significação do verbo. É como se não fosse possível ler o verbo sozinho, é como se ele só significasse, tendo em vista o contexto. Acepções como “fornecer” “ofertar,” “oferecer,” “presentear”, doar”, “proporcionar”, “entregar” mantêm entre si uma relação de semelhança, de transferência de

certa coisa de uma pessoa para outra por livre e espontânea vontade da primeira, contudo não são sinônimos perfeitos. Desse modo, esses sentidos todos se configuram como polissemia.

Outro fato a se considerar é que os pesquisados entenderam todas as ocorrências do verbo dar no excerto do mesmo modo. É possível que isso tenha ocorrido porque aparece no trecho apenas uma pessoa que pode dar algo a alguém: Deus. Já em “ganhar algo superior”, “dar a vida” e “Deus vai tornar possível” parece ser exatamente esse fato – Deus ser citado – que auxilia os sujeitos-leitores na construção dos sentidos que eles construíram.

A construção dos sentidos pelos sujeitos constitui-se numa pluralidade contraditória de filiações históricas. Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que se diz em uma ou outra formação discursiva. Este quadro serve para mostrar o caráter polissêmico do verbo objeto deste estudo. Pôde-se perceber, a partir dos significados que lhe foram atribuídos pelos diversos informantes, que em cada inserção ele adquiriu um sentido particular. Às vezes, para o mesmo informante, na mesma ocorrência, aconteceu esse fato.

O último fragmento, da música de Chico Buarque, é aparentemente simples e fácil de ser lido, de ser interpretado e tira proveito de aspectos gramaticais simples, de fácil compreensão, o que é relevante, mas, na verdade, essa aparente simplicidade, quando se busca uma interpretação descontextualizada, se complica. As operações responsáveis pela construção do sentido ficam por conta do leitor. Como se pode verificar pela lista das possibilidades de construção dos sentidos do verbo dar, vistas neste estudo, muitas são as preposições que com ele ocorrem e isso também interfere na significação.

A propósito da interpretação que os informantes fazem dos excertos das músicas, pudemos observar, ainda, que o verbo tem uma significação relativizada com o contexto e

significados diferentes puderam ser-lhe atribuídos. A forma de expressar o significado que o verbo evocou chamou-nos a atenção, pois, pudemos perceber que a forma que o pesquisado elege para responder a pergunta feita tem muito a ver com o estilo que cada pessoa usa para se expressar.

No presente trabalho, pode-se perceber que os sentidos atribuídos ao verbo dar nos excertos de músicas ocorrem muito mais ligados ao contexto em que está inserido o verbo, bem como ao significado que ao longo do tempo foi-lhe sendo atribuído, do que ao significado registrado no dicionário, pois a este não recorre o falante quando necessita usar o verbo. Pelo contrário, ele lhe atribui significados muito mais variados do que simplesmente “dar” no sentido de oferecer alguma coisa a alguém. De forma que, concordamos com Geraldini (1997), ao dizer que, quando se trata dos recursos expressivos, a percepção primeira e ingênua que fazemos destes recursos é que para tudo o que se tem a dizer há uma expressão adequada, pronta e disponível: e com ela vamos representando o mundo e as ações que nele praticamos. No entanto, esse é apenas mais um esquecimento dos sujeitos.

A multiplicidade de sentidos dados por cada leitor a cada excerto, mesmo em uma pesquisa pequena como esta, aponta para o fato de que o sujeito se relaciona com a linguagem de modo particular e ao mesmo tempo social, sem que possa subdividi-la para ler, falar ou escrever. É *com, na e pela* linguagem que o sujeito do discurso constrói sentidos. O caso do verbo “dar”, um verbo de uso corriqueiro, mostra, além das inúmeras possibilidades de construção dos sentidos de uma palavra em cada contexto – que constitui sua polissemia –, o fato de que o sujeito do discurso não se separa do contexto em que lê para construir esses sentidos. Sua historicidade e papéis que desempenha na sociedade são tão importantes na construção dos sentidos quanto a historicidade da linguagem.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos sentidos a partir da argumentação do verbo dar nas letras das músicas analisadas ressalta a complexidade que um texto pode tomar durante a leitura. Por meio da exploração dos elementos que compõem um texto em sua heterogeneidade de discursos e de possíveis sentidos, o leitor chega a dados sentidos e não a outros, sejam eles ligados a motivações sociais, políticas ou culturais. A proposta específica deste trabalho é semântica e discursiva, como já foi explicitado na introdução e na fundamentação teórica, e deve ter em conta, portanto, todos estes aspectos que constituem o lugar de onde “fala” o leitor. Se ele fala de uma formação discursiva, sua interpretação será distinta da daquele que fala de outra. Isso também ocorre em relação à ideologia.

Os fragmentos de músicas oferecem, com muita riqueza de informações, possibilidades diversas de interpretação. É possível ler de vários modos um mesmo texto, considerando os papéis de sujeito-leitor em contextos variados. Com a Análise do Discurso (AD), que funciona como uma operação de “*raios-X*” dos sentidos, pode-se abranger a complexidade do assunto, isto porque, nas palavras de Orlandi (2001), não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. Ainda que assujeitado a determinadas ideologias, entretanto, o sujeito do discurso tem um papel ativo na construção dos sentidos. Ele os constrói com base na historicidade da linguagem, nas palavras e suas inter-relações no texto, e na sua própria historicidade, o lugar de onde ele fala, ou seja, em tudo o que envolve as condições de produção da leitura.

Os sujeitos do discurso são sujeitos *de* (discursos/ideologias) e sujeitos *a* (discursos/ideologias), constituem-se e são constituídos *na* e *pela* linguagem e são

determinados histórica e socialmente. *Na e pela* linguagem eles agem e interagem, mas também são interpelados pela ideologia ao tomar a palavra, ao agir de um modo e não de outro, ao se posicionar de dada maneira. Eles têm esquecimentos e ilusões, e, por isso, muitas vezes não percebem que se assujeitam a ideologias. O sujeito pode ter a ilusão da transparência e da linearidade da linguagem e se esquecer de que o que diz pode ser dito de outra maneira. Mesmo que não possa fazer escolhas totais e ter consciência total do que diz/lê, o sujeito social poderá se tornar mais crítico e aumentar suas escolhas quanto maior for seu questionamento sobre a linguagem. Isso foi mostrado neste trabalho.

A linguagem tem sua historicidade, o que não significa que um fato lingüístico vem após o outro, mas que de um texto para outro se preservam certos elementos que fazem com que o enunciado possa ser repetido, refutado, modificado para que novas interlocuções ocorram. Os discursos não se proliferam de modo contínuo e linear, mas de modo disperso é que eles são produzidos e se disseminam. E linguagem é discurso. O tempo e o espaço, nessa visão, muitas vezes se fundem e se confundem. Isso nos permite retomar discursos que outros produziram em diferentes momentos sócio-históricos como se tivessem acabado de ser produzidos, para romper com eles, refutá-los ou dar-lhes continuidade.

A língua é uma prática social e, portanto, é também política e ideológica. *Nela e por meio dela* os discursos se proliferam, se dispersam no tempo e no espaço. Os sujeitos-leitores, portanto, como os discursos, são determinados social e historicamente. Nessa concepção de linguagem, os sentidos são construídos com base nos elementos que compõem o momento de interlocução: a linguagem e sua historicidade, o sujeito e sua historicidade, o contexto de produção do texto e da leitura etc. Aqui, as funções da linguagem são incontáveis como o são as possíveis leituras.

O processo de construção e reconstrução dos sentidos de um texto permeia a ideologia: autor e leitor interagem com o texto, estabelecendo ideologicamente sentidos em que podem confluir, de acordo com o contexto, a historicidade de cada um e a historicidade da linguagem. O excerto “Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará” pode, numa ligação com a teoria do discurso, ser interpretado como se falasse da própria linguagem: há uma infinidade de sentidos possíveis para um texto, no entanto, ninguém sabe onde eles vão dar.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem..* São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- FÁVERO, L.L. & KOCH, I. G. V. 1985. Critérios de textualidade. *Revista Veredas* 104: 17-34.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio*, versão 5.0, revista e atualizada, Editora Positivo.
- FIORIN, J.L. (org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin.* São Paulo: EDUSP, 1994.
- GERALDI, J W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.* Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- _____. *Portos de Passagem.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GUIMARÃES, M. L. S. Para reescrever o passado como história: o IHGB e a Sociedade dos Antiquários do Norte. In: HEIZER&VIDEIRA. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos.* Rio de Janeiro: Access, 2001.
- HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*, versão 3.0, revista e atualizada.
- ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* São Paulo: Ática, 2000. (Série Princípios).
- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem.* 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A intertextualidade como fator da textualidade. In: Cadernos da PUC/UFSM, janeiro/junho, 1986.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, Educ, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1996.

_____. *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes, 2005.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ANEXOS

Anexo 1: “Se”, de Djavan

Anexo 2: “Garganta”, de Ana Carolina

Anexo 3: “Aquarela”, de Toquinho

Anexo 4: “Geni e o Zepelim”, de Chico Buarque

Anexo 5: “Partido alto”, de Chico Buarque

ANEXO 1

SE ¹

Eu levo a sério mas você disfarça
Você me diz à beça e eu nessa de horror
E me remete ao frio que vem lá do sul
Insiste em zero a zero e eu quero um a um
Sei lá o que te dá, não quer meu calor
São Jorge, por favor me empresta o dragão
Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você decidir se dá ou não.

¹ *Se.* Djavan. www.cifraclub.terra.com.br/cifras/djavan/se-jzkgp.html. Acesso em 27/11/05

ANEXO 2

Garganta²

Mas não sou beata, me criei na rua
E não mudo minha postura só pra te agradar
Vim parar nessa cidade, por força da circunstância
Sou assim desde criança, me criei meio sem lar
Aprendi a me virar sozinha,
e se eu tô te dando linha é pra depois te abandonar

² **Garganta.** Ana Carolina www.cifraclub.terra.com.br/cifras/ana-carolina/garganta-kp.html Acesso em 27/11/05.

ANEXO 3

Aquarela³

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pingüinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul
Vou com ela viajando Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando,
é tanto céu e mar num beijo azul

³ **Aquarela.** Toquinho. www.cifraclub.terra.com.br/cifras/toquinho/aquarela-gssh.html. Acesso em 27/11/05

ANEXO 4

Geni e o Zepelim⁴

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato

Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

⁴ **Geni e o zepelim.** Chico Buarque www.chico-buarque.cifras.art.br/cifra_6788.html. Acesso em 27/11/05

ANEXO 5

Partido alto⁵

Diz que deu, diz que dá, diz que Deus dará, não vou duvidar, ô nega

E se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?

Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega

Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará

Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega

Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará

⁵ **Partido alto.** Chico Buarque. www.chico-buarque.cifras.art.br/cifra_1367.html. Aceso em 27/11/05
Significado: aplicar.